

CAPÍTULO 1

Um testemunho a propósito da valorização do futebol nas ciências sociais no Brasil e do intercâmbio internacional em torno da temática (1989–2000)

José Sergio Leite Lopes

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Com muita honra, aceitei o convite desafiador de abrir este seminário franco-brasileiro sobre futebol com especialistas, antropólogos, sociólogos e historiadores dos dois países. Interpretei o convite na medida em que podia ser visto como testemunha do início dos estudos sobre futebol nas ciências sociais (no Brasil e internacionalmente, nos anos 90), assunto até então invisibilizado dentre os temas tidos como pouco relevantes de serem academicamente tratados nestas ciências.

Meu primeiro artigo sobre o assunto — escrito quando eu estava em um pós-doutorado no *Centre de Sociologie de l'Éducation et de la Culture* (CSEC/EHESS), entre 1988 e 1990 — foi ocasionado por uma demanda inesperada da revista *Actes de la Recherche en Sciences*

Sociales, cuja direção planejava publicar um número sobre o tema “O espaço dos esportes”, o que de fato se estendeu para o número seguinte. O título poderia ser interpretado, simultaneamente, pela característica espacial intrínseca dos esportes (o campo, a quadra, a piscina, o estádio, o sentido espacial do jogo pelo atleta), bem como pela conquista de espaço no campo das ciências sociais para o tema inusual. Os dois números (nº 79, de setembro de 1989, e nº 80, de novembro do mesmo ano) surgiam assim 14 anos após o lançamento da revista, que pregava de certa forma a subversão da hierarquia dos objetos por meio do artigo “manifesto” inicial, “*Méthode scientifique et hiérarchie sociale des objets*”, do seu diretor Pierre Bourdieu.

Vou explicar o contexto em que eu estava envolvido quando ocorreu esta demanda inesperada, para mim, por parte da revista.

Eu me encontrava, de certa forma, em dívida com o diretor da revista e em dívida comigo mesmo, ao ter tido de recusar um convite anterior feito por carta, em dezembro de 1976, para publicar um artigo, para um dos números seguintes, que estavam em preparação, com assuntos sobre a classe trabalhadora. O convite vinha seguido de um anexo com sugestões de temas para o artigo, baseadas na leitura de minha dissertação em português “O Vapor do Diabo”, sobre os operários do açúcar. No entanto, naquele momento eu tinha sob minha responsabilidade a coordenação partilhada de um grande projeto de pesquisa sobre mudança social no Nordeste, cujo trabalho de campo se desenrolaria ainda pelo ano seguinte, de tal forma que tive de recusar o convite. A documentação sobre essa troca de cartas que se perdeu no incêndio do Museu Nacional em setembro de 2018

foi, no entanto, recuperada por Maria Eduarda Rocha, diretamente dos arquivos de Bourdieu, quando de sua análise sobre “Bourdieu e a antropologia das classes dominadas, no Museu Nacional do Rio de Janeiro”, no livro *Bourdieu à Brasileira* (2022).

Ao chegar ao *Centre de Sociologie Européenne* (CSE) e ao *Centre de Sociologie de l'Éducation et de la Culture* (CSEC) para um período de pós-doutorado, 12 anos depois, a temática pela qual eu havia sido procurado antes, relativa à etnografia de grupos operários no Nordeste brasileiro, não estava na ordem do dia dos próximos números programados da revista, como estivera na virada dos anos 70 e 80. Eu e minha companheira Rosilene Alvim havíamos trazido de casa materiais relativos ao nosso trabalho de campo entre famílias operárias, na expectativa de produzirmos sobre o assunto naquele período no exterior. (Um artigo sobre o assunto de fato saiu no n° 84, de setembro de 1990, Alvim e Leite Lopes, “*Familles ouvrières, familles d’ouvrières*”, mas quando da preparação do número 79, esta inclusão, no futuro número “*Masculin, Féminin*”, não estava no horizonte).

Naquele final de 1988, estava em preparação o já referido número sobre esportes. Devido à relevância presumida de um eventual artigo sobre o futebol brasileiro, eu acabei entrando nas cogitações de preparação do número por acaso.

Monique de Saint Martin, responsável principal pelos intercâmbios do CSEC com os brasileiros na EHESS, perguntou a Rosilene Alvim, na minha ausência, se ela conhecia colegas que trabalhassem com o tema futebol no Brasil, do ponto de vista das ciências sociais.

Ela respondeu que eu tinha escrito sobre a trajetória do jogador Garrincha, que participara das seleções nacionais de 1958 e 1962. De fato, esse escrito não existia. O que se passou é que a morte de Garrincha, em janeiro de 1983, ocorreu num momento da redação de um capítulo para a minha tese em que eu só pensava em vila operária, e eu falei muito em casa sobre as ligações de Garrincha com o universo das fábricas têxteis, fato que eu havia notado nas entrelinhas das notícias sobre a morte do jogador.

Garrincha, que havia nascido em Pau Grande, vila operária da América Fabril, em Magé, RJ (vila essa situada no meio rural, assim como as usinas de açúcar e as várias fábricas têxteis de Pernambuco, as quais eu havia estudado), quando de sua morte estava morando na rua dos Estampadores, na antiga vila operária da fábrica Bangu, no Rio. As reconstituições da vida desse jogador, que saíam na imprensa, não atentavam para esse fato que, no meu entender, era bastante esclarecedor sobre sua trajetória, das ascensões e das quedas dramáticas pelas quais havia passado. Apresentei o projeto nos dias seguintes para Bourdieu, que me deu carta branca para que eu o continuasse.

Eu entrei, assim, para o mundo do estudo sobre futebol pela modalidade do futebol de fábrica ou de empresa. A aproximação com o universo do futebol por meio de uma forma específica de organização social, a fábrica com vila operária, e por meio de Garrincha, trazia a vantagem de valorizar, entrando, por assim dizer, pela porta dos fundos, os resultados de pesquisa acumulados durante alguns anos e que tinham menos espaço do que antes nos temas escolhidos para a revista.

Para o contexto da cultura operária, gestada nas fábricas com vila operária em meio rural, com seus futebolis de pelada e de empresa, eu tinha elementos para me guiar. Mas que instrumentos eu poderia utilizar para analisar o mundo do futebol profissional para o qual Garrincha havia passado pela sua severa peneira seletiva?

Naquele momento, de 1988 para 1989, eu já havia acompanhado, com grande interesse, a produção nascente sobre futebol nas ciências sociais brasileiras, e, em particular, aquela que tinha se produzido na própria Antropologia do Museu Nacional. Eu tinha conhecimento da dissertação de Simoni Guedes no PPGAS, “Futebol Brasileiro, Instituição Zero” (1977), que se baseava em capítulos etnográficos sobre o ciclo de vida dos homens em relação aos “futebolis” (expressão utilizada por Arlei Damo no seu tratamento da diversidade futebolística). Desde o futebol da *pelada* infanto-juvenil e, em seguida, desde os jovens que, nos campeonatos de times de bairro, podiam ter a esperança de um seletivo recrutamento para o futebol profissional, até, finalmente, a brincadeira dos seniores que passaram pelas fases anteriores e que voltavam a “brincar” nos campos locais. Isto tudo nos subúrbios originários da fábrica têxtil Bangu e do seu clube de futebol profissional de mesmo nome.

Simoni Guedes, ao ter sido incluída com o artigo “Subúrbio: Celeiro de Craques”, sobre sua etnografia em Bangu, no livro organizado por Roberto DaMatta, *Universo do Futebol* (1982), coparticipou da obra, por assim dizer, inaugural de estudos antropológicos sobre o futebol no Brasil. Após o sucesso de *Carnavais, Malandros e Heróis* (1978), DaMatta interessou-se por mais um domínio caracte-

rístico de uma identidade nacional brasileira pouco visível nas ciências sociais, o universo do futebol, e é reconhecido como introdutor do assunto nas ciências sociais latino-americanas (ver, por exemplo, Eduardo Archetti em *Masculinities* (1999), no qual é reconhecida sua inspiração em DaMatta). Nesta missão de trazer os esportes e o futebol em particular ao domínio legitimado das ciências sociais, DaMatta não está mal situado cronologicamente dentre as contribuições europeias de Norbert Elias e Eric Dunning (*Quest for excitement* (1986), retomando artigos pouco conhecidos, publicados entre 1966 e 1971), ou de Bourdieu (com os dois números de *Actes* sobre “*L’espace des Sports*” em 1989/90 e “*Les enjeux du football*”, em 1994, depois de seus artigos sobre esportes incluídos em *Questions de Sociologie* (1980) e *Choses Dites* (1987).

Eu conhecia ainda o artigo de Simoni Guedes sobre o relatório do chefe da delegação brasileira sobre a derrota na copa de 1954, na época um trabalho de curso datilografado, mais adiante retomado, em 1998, em seu livro *O Brasil no campo de futebol*. Este personagem, João Lyra Filho, que ocupou altos cargos no judiciário e na universidade, contribuía na formulação de estereótipos sobre as classes populares a partir do comportamento dos jogadores da seleção brasileira naquela Copa do Mundo.

E conhecia também a dissertação de Ricardo Benzaquen de Araújo, de 1980, com a qual havia sido convidado para a banca sobre a ética e as estratégias profissionais dos jogadores na década que se sucedeu ao tricampeonato da seleção, com base em entrevistas que incluíam alguns poucos atletas que vislumbraram a formação de um

efêmero sindicato de jogadores profissionais no final dos anos 70, em um contexto de redemocratização.

Havia ainda o filme *Garrincha, Alegria do Povo*, de Joaquim Pedro de Andrade, e que pude contrastar com *Isto é Pelé*, de Eduardo Scorel e Luiz Carlos Barreto, análise comparativa que fornecia elementos para a compreensão das trajetórias diferenciadas dos dois jogadores.

Com estes elementos reunidos, com o noticiário produzido sobre a morte do jogador e com a literatura ensaística anterior sobre o futebol, de cronistas esportivos (especialmente, Mario Filho), pude fazer a interpretação de uma história de vida que dizia muito sobre a história inesperada do futebol brasileiro, como símbolo corporificado da inversão do chamado “complexo de vira-latas”, alcunhado por Nelson Rodrigues, que se transformava no milagre chapliniano do humilde redentor das derrotas nacionais anteriores. Tal redenção do futebol brasileiro, que se passa nos anos 50 e 60, que conta com o seu mítico ponta-direita, é contrastada, na própria trajetória de Garrincha, com a tragédia da sua vida pós-jogador profissional, que o alcoolismo fez apressar sua morte prematura.

Sua morte veio reequilibrar seu prestígio abalado, com o foco redirecionado pela imprensa para rememorar suas proezas, e seu enterro é apropriado por uma forte emoção popular que acompanha sua ida do velório no Maracanã ao cemitério na vila natal. A reconstituição etnográfica de seu enterro, reunindo a cobertura factual e interpretativa da imprensa e dela extraindo elementos para salientar como o ritual da morte ilumina a trajetória do jogador, possibi-

litou ao artigo conter uma “análise situacional” no sentido de Max Gluckman, ou no sentido das análises de micro histórias dos historiadores culturais.

O artigo procurava reconstituir o *habitus* desse jogador no contexto da cultura operária peculiar da fábrica em meio rural, que condicionava seu estilo corporal (e que possibilita seu drible irresistível). A narrativa que começa com uma etnografia do enterro de Garrincha, depois passa a reconstituir sua trajetória e a situá-lo na história recente do futebol profissional brasileiro da época, faz uma análise comparativa com a trajetória de Pelé, para voltar à cena do enterro como uma apropriação popular de sua vida (vida cujo auge, na Copa de 1962, se deu em tempos democráticos, comparados àquele presente, em 1983, de maiores dificuldades das classes populares, ainda sob regime militar). O artigo saiu no *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* de setembro de 1989 e contou com a colaboração do colega Sylvain Maresca, que reviu e aprimorou o francês e discutiu os seus argumentos. No Brasil, saiu em seguida na *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Várias traduções do artigo foram feitas.

Em continuidade aos números sobre “o espaço dos esportes”, a revista *Actes de la Recherche* organizou uma edição sobre “*Les enjeux du football*” em 1994, onde escrevi o artigo “*L’invention du style brésilien: sport, journalisme et politique au Brésil*”, com a colaboração de Jean-Pierre Faguer. O nosso texto vinha situado logo após o artigo dos organizadores do número da revista, Jean-Michel Faure et Charles Suaud, “*Un professionnalisme inachevé; deux états du champ du football professionnel en France*”, e antes do artigo de

Richard Holt sobre “*La tradition ouvrieriste du football anglais*”. Nosso artigo salientava a importância do jornalismo esportivo desde os anos 30 na conformação do profissionalismo no futebol brasileiro, por meio da trajetória de Mario Filho, e publiquei uma versão estendida em número temático na *Revista USP*, em 1994¹.

Os conflitos sociais inerentes à criação, difusão e apropriação por diferentes classes e grupos sociais ao longo do tempo me chamaram a atenção na literatura sobre esportes e sobre o futebol, em particular, o que foi sendo um foco importante dos artigos feitos em nome próprio ou com parceiros. A especificidade histórica que se manifesta no caso brasileiro quanto a este processo histórico internacional não é estranha aos conflitos em torno de estigmas étnicos atribuídos às classes populares, embutidos na passagem do amadorismo ao profissionalismo entre os anos 1930 e 1950. Os processos daquilo que Norbert Elias chama de *democratização funcional* podem ser exemplificados na história inicial do futebol brasileiro, culminando nas copas de 1958 e 1962.

Já nos países europeus, os conflitos, sobretudo de classe, quando da passagem ao profissionalismo se transformaram nos estigmas que se manifestaram a partir dos anos 1990, quando da entra-

1 “*L’invention du style brésilien; sport, journalisme et politique au Brésil*” (en collaboration avec Jean Pierre Faguer), *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n°103, juin 1994, pp. 27-35.

– “A vitória do futebol que incorporou a *pelada*; a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro”, *Revista USP*, n. 22, jun-jul-ago 1994, pp. 64-83.

da mais massiva de filhos de migrantes africanos nos clubes e nas seleções nacionais.

A partir destes dois artigos na revista *Actes de la Recherche*, fui entronizado na corporação internacional dos cientistas sociais estudiosos do futebol graças a Eduardo Archetti, que nos visitou no PPGAS/MN por volta de 1973, quando lidava com antropologia econômica e sociedades camponesas, estudando os *farmers* da agricultura argentina. Archetti, desde cedo estabelecido na universidade de Oslo, estava publicando artigos sobre o futebol, o polo e o tango na Argentina (que depois ele reuniu em livro intitulado *Masculinidades*) e, como um dos membros pioneiros da Associação Europeia de Antropologia, era um dos articuladores destes encontros internacionais. Ele me recomendou a Richard Giulianotti, sociólogo escocês, especialista em futebol, que me propôs publicar em duas de suas coletâneas².

Notei que, nestes encontros internacionais dos anos 1990, o fato dos convidados estarem contribuindo para uma temática nova na História e nas Ciências Sociais por meio da análise das experiências de seus respectivos países neste esporte, havia um ambiente de competição incorporada pelos pesquisadores de demonstrar aspectos de relevância analítica sócio-histórica do seu futebol nacional, como se o agonismo intrínseco ao futebol se apresentasse de alguma forma ao nível do evento acadêmico, de forma séria ou jocosa.

2 “Successes and Contradictions in ‘Multiracial’ Brazilian Football”, in G. Armstrong & R. Giulianotti (eds.), *Entering the field; new perspectives in world football*. Oxford: Berg Publishers, 1997, pp. 53–86.

– “Football and its dilemmas: a Brazilian story”, in Gary Armstrong & Richard Giulianotti (eds.) *Football, Cultures and Identities*. London: Macmillan, 1999.

Em 1996, estive na Universidade de Manchester (sob a supervisão do sociólogo do trabalho Huw Beynon) em convênio envolvendo o Programa de Antropologia Social do Museu Nacional e o Programa de Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, ambos da UFRJ, onde apresentei um artigo e onde pude consultar a bibliografia anglo-saxônica sobre ciências sociais e história do esporte na biblioteca daquela universidade³. Também ganhei uma bolsa do governo francês para desenvolver, durante alguns meses por ano entre 1997 e 1999, um projeto sobre o futebol brasileiro junto ao *Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain*, então dirigido por Afrânio Garcia Jr. e por Ignacy Sachs. Dentre essas atividades, acompanhei a Copa do Mundo de 1998 sobre a qual fiz uma observação etnográfica “multisituada”, mal situada e sem crachá, desse megaevento, para o jornal *Le Monde*, junto com Jean-Pierre Faguer, e pude publicar uma versão mais estendida na revista *Estudos Históricos*⁴. O futebol como esporte de equipe talvez enseje a parceria

3 Os coordenadores do convênio eram Huw Beynon, diretor do Manchester International Centre for Labour Studies, e José Ricardo Ramalho do IFCS. O trabalho apresentado foi:

– “Football and working class in Brazil: Colour and class in the making of national identity through sport”. Manchester International Centre for Labour Studies. Working paper 15. May 1996.

4 A mediação para esse artigo do *Le Monde* foi feita por Roger Chartier, apreciador de Garrincha, e que então escrevia regularmente na seção “*Le Monde des Livres*”. O artigo era para sair logo após o fim da copa de 98, em página inteira, na seção “*Horizons*” que o jornal então mantinha.

– “Le football mondialisé comme il va”, *Le Monde*, 22/7/1998, p. 10 (avec Jean Pierre Faguer).

entre colegas, e após escrever sobre o assunto em colaboração com Sylvain Maresca, o fiz com Jean-Pierre Faguer e, mais tarde, com Afrânio Garcia Jr.

Minha entrada nos estudos sobre futebol foi assim proporcionada pela demanda internacional por estudos sobre o futebol brasileiro. O que de certa forma pode ser significativo da adequação legitimada, entre autor e objeto, por propriedades nacionais, tal como vistas pelos demandantes no exterior. Mas o fato é que a literatura sobre esportes, e em particular sobre o futebol, é boa para pensar uma série de fenômenos sociais mais amplos. Além de servirem de metáfora para conceitos como “estratégias não conscientes”, “sentido do jogo” (Bourdieu) ou “configuração” (Elias), os esportes constituem-se em objetos privilegiados de observação dos fenômenos de profissionalização, de inclusão ou exclusão sutil de adeptos por meio de estilos de vida, assim como de dramatizações de pertencimentos étnicos, nacionais ou de classe (dentre outros assuntos antropológicos importantes de análise).

Minha produção sobre o futebol é constituída de artigos de uma síntese crítica do material existente, ensaiando explicações sobre processos históricos mais gerais. Mas também estudos focados em trajetórias específicas de operários-jogadores, como é o caso de Garrincha e de Ramon da Silva Ramos. Este último foi jogador do Santa

– “Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da copa de 1998”, Estudos Históricos, n. 23, set. 1999. (com a colaboração de J.P. Faguer).

Cruz e do Vasco da Gama nos anos 70, originário da Usina Serinhaém, em Pernambuco, localidade na qual fiz trabalho de campo para minha dissertação. Também fiz observações etnográficas durante o desenrolar da copa de 1998, na França, como já mencionei anteriormente. A partir de uma etnografia desta Copa do Mundo, organizada na França, nós pudemos colocar em evidência aspectos da passagem de um profissionalismo nacional para um profissionalismo multinacional, de que são testemunhas não somente as equipes compostas de jogadores que pertencem a clubes estrangeiros, notadamente europeus, mas também o financiamento do evento por grandes empresas mundiais e a organização de recursos humanos, com suas exigências contraditórias entre “competência” (por exemplo na medicina esportiva) e “precariedade” (por exemplo, no voluntariado para o controle da segurança nos estádios).

No que diz respeito à liberação das emoções, as características do público da Copa do Mundo se distinguem por uma predominância de consumidores, mais do que de torcedores, o que é buscado e embutido como motivação no momento da construção dos novos estádios. Nós pudemos observar a presença, nos treinamentos da *seleção* — parcialmente abertos ao público mediante o pagamento de bilhetes de entrada — e no transporte, em viagens nos trens para acompanhar as partidas em cidades diversas, um tipo especial de público que nos chamou a atenção. Tratava-se de torcedores que vinham à Copa do Mundo financiados por grandes empresas estabelecidas no Brasil, como se ganhassem presentes sob a forma de viagens oferecidas aos empregados, clientes ou fornecedores, o que se somava às diferenças

entre esse público de Copa do Mundo e os torcedores que participavam das partidas entre clubes.

O que se sobressai da composição dos jogadores da equipe nacional, durante as Copas do Mundo, é o fato de que quase todos pertencem a clubes estrangeiros, tendência estabelecida desde os anos 90. A perspectiva para os torcedores dos clubes é, doravante, verem os melhores jogadores dos campeonatos nacionais saírem de seus respectivos países e partirem para clubes mais ricos, no exterior. Mas isto não é senão a ponta que emerge dos jogadores de elite, que está na superfície de um sistema de circulação internacional mais generalizado, que acompanha várias hierarquias de clubes. Além disso, o recrutamento internacional se faz cada vez mais ao nível dos adolescentes que despontam como promessas deste esporte, o que acarreta o empobrecimento da ligação tradicional entre a base e as equipes de alto nível, decepcionando as expectativas dos torcedores dos clubes nacionais.

As pesquisas de Carmen Rial, que entrevistou jogadores brasileiros e suas famílias em diferentes partes do mundo, nos apresentam este contexto mais geral da carreira mundializada de milhares de futebolistas brasileiros e da experiência de sociabilidade de suas famílias no exterior. Os resultados destes estudos concernem às conexões entre idade, origem social e religião, a saber a forte presença de jogadores caçulas, a maioria proveniente de grupos subalternos, e a adesão predominante aos cultos evangélicos, assim como a juvenilização crescente deste fluxo de emigração. Esta circulação não é possível sem o apoio das famílias ampliadas dos jogadores, que

constitui sua zona de proteção em relação à vida cotidiana nos diferentes países estrangeiros. Desta forma, antecipo, aqui, com o exemplo do artigo “Rodar” (2008), algumas das pesquisas mais recentes que trouxeram uma enorme quantidade de materiais empíricos, das quais tratarei agora.

Nos últimos dos meus textos, eu já cito e incorporo, parcialmente, resultados das pesquisas efetuadas por gerações mais jovens que a minha, que se caracterizam por terem feito intensas pesquisas para suas dissertações e/ou teses sobre o assunto, em algumas das quais participei das bancas⁵. Eu deverei ser seletivo nas referências que farei

5 Pude assim acompanhar o trabalho de meus orientados Eline Deccache Maia, sobre políticas públicas para o esporte; de Antonio Holzmeister Oswald Cruz, sobre as transformações econômicas do futebol focalizadas nos estádios; de Marta Cioccarri, no futebol associativo amador dos mineiros de carvão, com seus clubes de empresa, de bairro ou de grandes famílias de mineiros; de Rosangela Pimenta, na UFPE, sobre o futebol de pelada e o futebol amador nos bairros populares de Recife e no assentamento rural em Sobral, CE; a dissertação de Pedro Mourelle sobre o cotidiano de um clube de 2ª divisão, o São Cristóvão, do Rio de Janeiro; em outras instituições, pude também acompanhar em bancas, em GTs e seminários, o trabalho historiográfico exemplar de Leonardo Pereira (História da Unicamp) sobre o futebol carioca entre 1902 e 1938; o de Plínio Labriola Negreiros (História da PUC-SP) sobre o embate amadorismo versus profissionalismo na imprensa paulista e sobre os aspectos políticos da construção do Pacaembu; a preciosa tese etnográfica de Luiz Henrique de Toledo (USP) sobre os centros de treinamento dos clubes, sobre as escolas de juízes e sobre as escolas de jornalismo esportivo (além de bares de torcedores); o trabalho sociológico de José Jairo Vieira (IUPERJ) sobre a profissionalização de jogadores de futebol negros; a etnografia de torcedores de clubes de cidade do interior da

aqui em razão do tempo de uma conferência, embora no texto escrito correspondente possa assinalar algo mais em nota de rodapé.

Estes trabalhos inovadores aos quais farei referências a seguir, baseados em grande quantidade de dados empíricos, contribuem tanto para a compreensão histórica das primeiras décadas do futebol brasileiro no século XX, do amadorismo ao profissionalismo, quanto para o conhecimento das transformações mais recentes, dos anos 1990 e 2000.

No que diz respeito às quatro primeiras décadas do século XX, a tese de Leonardo Pereira, *Footballmania, História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*, depois publicada em livro no ano de 2000, baseada numa pesquisa historiográfica com extensos materiais diversificados, desde jornais, opiniões de escritores e arquivos policiais — onde descobriu muitos clubes de futebol nos bairros populares, alguns vinculados a associações carnavalescas muito reprimidas pelas forças da ordem, no início do período considerado. O futebol

Argentina (Mar del Plata) feita por Gastón Gil (Misiones); a dissertação de Arlei Damo (Antropologia da UFRGS) sobre a história da torcida do Grêmio e a rivalidade clubística com o Internacional; a dissertação de Giselle Moura (História-UFRJ) sobre a construção do Maracanã para a copa de 1950; a dissertação de Rosana da Câmara Teixeira (orientada por Rosilene Alvim, IFCS-UFRJ) sobre a etnografia das torcidas jovens cariocas na virada dos anos 2000 (que saiu em livro e para o qual fiz uma apresentação); e a dissertação e a tese de Bernardo Buarque de Hollanda (História PUC-Rio), que seguiram entre muitas outras fontes de inspiração, pistas de trabalhos anteriores meus. Fiquei feliz também em ver-me incluído nas citações de textos das ciências sociais no excelente livro *Veneno Remédio, o futebol e o Brasil* de José Miguel Wisnick.

mantinha a associatividade do grupo por meio da legitimidade do esporte diante das autoridades policiais. Suas descobertas e análises dão uma visão mais complexa e extensiva da incorporação do esporte pelas classes populares muito mais presente e precoce do que até então conhecido.

Em diálogo com Leonardo Pereira sobre a relação entre escritores, cronistas e o futebol, encontra-se a dissertação em história cultural de Bernardo Buarque de Hollanda, publicada em 2004, *O Descobrimento do Futebol; modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*, na qual as qualidades e as contradições do campo literário são examinadas tendo o esporte como eixo do ponto de vista do escritor, o mais proclamado, entre seus pares, como torcedor de futebol. O uso da literatura sobre futebol pelos historiadores proporcionou um diálogo frutífero com ensaios de crítica literária e pensamento social brasileiro, como o importante livro *Veneno Remédio; o Futebol e o Brasil*, de José Miguel Wisnik (2008), que também foi muito atento a grande parte do que foi produzido nas ciências sociais sobre futebol.

Os historiadores abriram assim caminhos importantes no estudo do esporte e do futebol em particular, desde a apropriação precoce do futebol pelas classes populares nas primeiras décadas do século XX, até os debates entre escritores sobre esse esporte, passando por seu papel na organização de coleções sobre as transformações dos torcedores ou sobre o tema do futebol e o mundo do trabalho no Brasil.

Também Bernardo Buarque, na tese de doutorado, publicada em 2010, *O clube como vontade e representação: o jornalismo espor-*

tivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro, investiu muito para explicar como a história iniciada pelas torcidas organizadas no final dos anos 1960, autoidentificadas como jovens, mantêm uma relação de continuidade transformada com a história dos torcedores formados nas décadas de 30 e 40, e como isso ocorreu graças à mediação da imprensa esportiva. Se o trabalho do fundador do *Jornal dos Sports*, Mario Filho, investiu muito na promoção da formação dos torcedores dos clubes do Rio nas décadas de 30 a 50, uma entre outras iniciativas na construção de uma política educacional esportiva quase para-governamental, Bernardo Buarque descobriu e demonstrou, em detalhes, que isso poderia, de certa forma, se estender à trajetória de Mário Júlio, sucessor de seu pai na direção do jornal, e às condições transformadas do público esportivo na última metade da década de 60. A direção do *Jornal dos Sports* percebeu que uma parte cada vez maior de seu público leitor estava concentrada em grupos importantes de jovens estudantes, alunos do ensino médio e universitários, e ampliou sua orientação esportiva para se tornar um jornal sobre o que parecia interessante para essa juventude — desde os resultados dos exames de admissão à universidade até a cobertura de notícias sobre escolas e universidades, passando pelo movimento estudantil. Essas características estudantis — fortemente presentes, no início, em alguns de seus dirigentes — foram transmitidas e reelaboradas por uma ampla juventude não estudantil.

O estudo etnográfico dos torcedores organizados tornou-se tema de importantes teses, como foi o caso de Luiz Henrique de

Toledo (em vários clubes de torcedores de São Paulo) e o caso de Arlei Damo, com os torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Os dois autores, em suas respectivas teses de doutorado, buscaram traçar, de diferentes maneiras, um quadro mais sistemático do mundo do futebol por meio de múltiplas etnografias. Em sua tese de doutorado *Lógicas no futebol*, publicada em 2002, Toledo realizou etnografias não apenas em locais de formação escolhidos para profissionais desse esporte, em centros de formação de jogadores, em cursos de formação de treinadores de futebol e em cursos para árbitros desse esporte. Ele também acompanhou cursos de formação em jornalismo esportivo e redações em suas diferentes modalidades (escrita, rádio e televisão), locais onde trabalham aqueles que ele chama de *especialistas* em futebol.

Arlei Damo, em sua premiada tese *“Du don au métier”* (“Do dom à profissão”), publicada em 2007, concentrou suas pesquisas na formação comparativa de jogadores de futebol no Brasil e na França, abordando a diversidade das práticas do futebol de bairro até a mercantilização dos jogadores e a formação de seu capital futebolístico. No Brasil, Damo concentrou sua observação nas equipes juvenis do Sport Club Internacional, de Porto Alegre, enquanto na França, ele fez o mesmo no Olympique de Marselha. Mas ele também foi ao FC Nantes, um modelo de formação de jogadores locais, que segue mais de perto as orientações do Instituto Nacional de Futebol, um centro que defende um modelo de formação articulado em nível nacional e guiado por princípios pedagógicos, associando o treinamento à formação esportiva na escola. É nesse modelo que Bourdieu se baseia

para defender, no final do artigo “*L’État, l’Économie et le Sport*” (“O Estado, a Economia e o Esporte”), publicado no dossiê *Football & Sociétés* da revista *Sociétés et Représentations* (1998), uma utopia científica que valoriza as virtudes educativas do esporte e busca restabelecer uma continuidade entre o clube de base e os jogadores de alto nível, com o objetivo de promover a integração social por meio do esporte, incluindo os filhos de imigrantes.

Ao contrário do modelo francês, o modelo dos clubes brasileiros, dominado pelo mercado, permite, no entanto, em suas margens, iniciativas pedagógicas no âmbito das políticas de alguns municípios e das ONGs, das quais o jovem Damo teve experiência em seu trabalho na Secretaria Municipal de Esportes de Porto Alegre. Assim, ele prestou atenção à diversidade dos usos do futebol, o que o levou a propor uma caracterização em torno de algumas matrizes de práticas, que classificou em matrizes espetacularizadas, improvisadas, comunitárias e escolares.

A massa crítica de estudos sobre futebol, obtida ao longo de quatro décadas de trabalhos iniciais, permite abordar diversos temas possíveis em torno do assunto — como a expansão do futebol feminino nos últimos anos —, bem como propostas de sistematização. Espero que estas notas de testemunho aqui apresentadas possam dialogar com os avanços empíricos realizados nos últimos anos, bem como com a profusão de estudos resultantes da legitimação acadêmica da especialidade. O programa do colóquio permitirá avaliar os progressos internacionais realizados de forma tematicamente diversificada e metodologicamente reflexiva, nomeadamente através de um diálogo comparativo entre os estudos realizados na França e no Brasil.